Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.14, 2023
ISSN 2178-6925

PERSPECTIVAS SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO E TRANSGENERIDADE NA SOCIEDADE: UMA VISÃO PSICOSSOCIAL

PERSPECTIVES ON GENDER IDENTITY AND TRANSGENERITY IN SOCIETY: A PSYCHOSOCIAL VIEW

Willian Dums

Fisioterapeuta e Pesquisador, Especialização em Fisioterapia na Saúda Mulher – FAVENI e Mestrando em Atividade Física e Saúde – UNEATLANTICO, Brasil

E-mail: dumswillian54@gmail.com

Resumo

As questões de gênero e sexualidade no Brasil passaram por diversas e extensas mudanças através dos anos, o que levou a ganhar notoriedade no meio científico e jurídico, englobando a luta pela igualdade e respeito social. Está ideação do gênero estar vinculado exclusivamente ao nascimento corresponde a padrões binários, levando a exclusão, ao não reconhecimento e invalidação de mulheres e homens trans. No Brasil observamos que mulheres e homens transgêneros estão expostos a maiores chances de vulnerabilidade e violência, seja ela racial, sexual, física e verbal, a exposição a estes fatores levam a retardo e dificuldade no processo de aceitação e de transição ao gênero, induzindo de forma direta a danos psicossociais, diante disto, o objetivo geral foi analisar o perfil psicossocial de indivíduos transexuais e transgêneros e as repercussões deste perfil em sua vida diária. Este estudo se caracteriza como uma revisão sistemática da literatura, do tipo descritiva e retrospectiva, com manuscritos provenientes de múltiplas bases de dados, com critérios de inclusão e exclusão. Observamos que, 73,7% apresentaram pensamentos suicidas, 84% relataram sofrimento com o corpo, 91,96% referem violência verbal, 37% apresentaram depressão moderada a grave, e em todas as amostras foi relatado a dificuldade do acesso a saúde, encontrando barreiras como o preconceito e violência. Observamos que o acesso a saúde, educação e trabalho ainda são campos muito discutidos quando correlacionamos a população transgênero, as medidas devem ser comunitárias, englobando não somente a população trans, mas, pessoas cisgêneros, elucidando suas dúvidas e reprimindo toda e qualquer forma de preconceito. Evidenciamos que devemos combater o fundamentalismo que leva desordem, promove o caos e a intolerância contra pessoas trans e travestis, defendo assim os pouquíssimos direitos que esta massa tem no Brasil, recordando da mesma forma que, os direitos já conquistados são inegociáveis e que a luta histórica do movimento LGBTQIA+ não deve ser combatida e sim respeitada.

Palavras-chave: Transgênero; Identidade de gênero; Violência de gênero; Vulnerabilidade social; Disforia de gênero.

Abstract

Gender and sexuality issues in Brazil have undergone several and extensive changes over the years, which has led to them gaining notoriety in scientific and legal circles, encompassing the fight for equality and social respect. This idea of gender being linked exclusively to birth corresponds to binary standards, leading to the exclusion, non-recognition and invalidation of trans women and men. In Brazil, we observed that transgender women and men are exposed to greater chances of vulnerability and violence, be it racial, sexual, physical and verbal. Exposure to these factors leads to delays and difficulties in the process of acceptance and transition to gender, leading to directly to psychosocial damage, given this, the general objective was to analyze the psychosocial profile of transsexual and transgender individuals and the repercussions of this profile on their daily lives. This study is characterized as a systematic literature review, descriptive and retrospective, with manuscripts from multiple databases, with inclusion and exclusion criteria. We observed that 73.7% had suicidal thoughts, 84% reported suffering with their body, 91.96% reported verbal violence, 37% had moderate to severe depression, and in all samples difficulty accessing healthcare was reported, finding barriers such as prejudice and violence. We note that access to health, education and work are still highly discussed fields when we correlate the transgender population, the measures must be community-based, encompassing not only the trans population, but cisgender people, clarifying their doubts and repressing any and all forms of prejudice. We highlight that we must combat fundamentalism that leads to disorder, promotes chaos and intolerance against trans and transvestite people, thus defending the very few rights that this mass has in Brazil, remembering in the same way that the rights already conquered are non-negotiable and that the struggle history of the LGBTQIA+ movement should not be fought but respected.

Keywords: Transgender; Gender identity; Gender-based violence; Social vulnerability; Gender dysphoria.

1. Introdução

As questões de gênero e sexualidade no Brasil passaram por diversas e extensas mudanças através dos anos, sendo equivalente positivas e negativas, o que levou a ganhar notoriedade no meio cientifico e jurídico, englobando a luta pela igualdade e respeito social (SOARES; MONTEIRO, 2019).

Neste sentido o termo gênero refere-se a um conjunto de comportamentos utilizados para designar o que pode ser caracterizado como homem e mulher, no entanto, a identidade de gênero é considerada uma construção social, uma construção do que é aprendido ao decorrer da vida (GOMES, 2018).

Está ideação do gênero estar vinculado exclusivamente ao nascimento corresponde a padrões binários, levando a exclusão, ao não reconhecimento e

invalidação de mulheres e homens transexuais e transgêneros (LEIVAS *et al*., 2023).

O termo transgênero vincula-se a uma massa social que se diferem do gênero designado ao nascimento, transpondo ideologias de gênero pré determinadas (cisgênero e padrão heteronormativo), está identidade é imprecisa e está em interrupta alternância e transformação (DEUTSCH, 2016).

No Brasil observamos que mulheres e homens transgêneros estão expostos a maiores chances de vulnerabilidade e violência, seja ela racial, sexual, física e verbal, a exposição a estes fatores levam a retardo e dificuldade no processo de aceitação e de transição ao gênero, induzindo de forma direta a danos psicossociais (SIQUEIRA; MARCOLINO; SANTOS, 2021).

Meneghel e Margarites (2017) explicam que a existem três estruturas sociais relacionadas a violência de gênero contra as mulheres cisgêneras e transgêneros, sendo o "patriarcado – machismo e capitalismo", levando a categorizar o gênero feminino pela supremacia do patriarcado, deixando-as suscetíveis a violências (MENEGHEL; MARGARITES, 2017).

Spizzirri *et al*., (2021), realizaram um estudo de campo para analisar a proporção de indivíduos transgêneros e não-binários no Brasil, sua amostra contou com 6.000 mil pessoas de 129 municípios da região brasileira, eles evidenciaram que a estimativa é de 2%, em números absolutos pode chegar a quase 3 milhões de pessoas (SPIZZIRRI *et al*., 2021).

Diante dos dados expostos, observamos que mulheres e homens transgêneros e transexuais estão expostos a maiores chances de violência, levando a reclusão e a não busca por assistência especializada, nesta situação foi criada a pergunta norteadora da pesquisa, sendo: "quais são as principais características psicológicas apresentadas por pessoas trans e como elas se sentem em relação ao convívio em sociedade? "

1.1 Objetivos

Desta forma, o estudo visa como objetivo geral: analisar o perfil psicossocial de indivíduos transexuais e transgêneros e as repercussões deste perfil em sua vida diária, e como objetivos específicos: categorizar por meio descritivo quais os eventos rotineiros de agressão/preconceito sofridos, determinar a porcentagem de transtornos de ansiedade e ideação suicida do público analisado, identificar qual o

local que pessoas transexuais e transgêneros sofrem maior preconceito e indicar quais são os principais fatores que levam ao contágio do HIV entre trans e travestis.

2. Revisão da Literatura

2.1 Materiais e Métodos

Estudo caracterizado com delineamento de revisão sistemática de literatura, do tipo descritiva, quali-quantitativa, exploratória e retrospectiva. Roever (2017) explica que uma revisão sistemática é considerada um método racional e não tendencioso, que organiza, avalia e integra os resultados do compilado científico selecionado, levando a sintetizar as informações de maneira clara e objetiva (ROEVER, 2017).

Atualmente este tipo de estudo é um valioso método de sistematização de grandes corpos da literatura, determinando através de uma estruturação lógica os principais resultados evidenciados, levando a responder à pergunta norteadora da pesquisa e a seus objetivos propostos (CAMILO; GARRIDO, 2019).

Os estudos utilizados nesta revisão foram provenientes em primeiro momento da pesquisa na plataforma Google Acadêmico®, em seguida, após a busca os artigos elegidos foram selecionados e direcionados no segundo momento à plataforma/revista que se encontram indexados.

Os descritores utilizados para busca dos manuscritos foram provenientes dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), sendo: “pessoas transgênero”, “transexualidade” e “ansiedade”, os mesmos termos no idioma inglês: “Transgender Persons”, “Transsexualism” e “Anxiety”. Para a busca em conjunto foi utilizado o operador booleano *AND*.

Os critérios de inclusão foram: estudos transversais e descritivos, com amostra ≥ 05 indivíduos, todos transgêneros ou transexuais, ano de publicação entre 2016 até 2023, que apresentassem por meio da frequência absoluta ou relativa as principais alterações apresentadas pela amostra, e que apresentassem aderência aos objetivos.

Como critérios de exclusão: dissertações, teses, resumos científicos, ano de publicação < 2016, estudos aplicados em participantes não brasileiros e que englobassem as demais categorias de gênero e orientações sexuais.

A pergunta norteadora da pesquisa foi gerada através da estratégia PICo (CARDOSO *et al*., 2019), no qual "P" (população) – pessoas transgêneros e transexuais, "I" (fenômeno de interesse) – violência e aspectos psicossociais e "Co" (contexto) – convívio em sociedade e suas repercussões.

Para realizar a análise das frequências absolutas e relativas do ano de publicação e média do mesmo foi utilizado o programa *Microsoft Excel®* versão 2108 de 2021.

2.2 Resultados

Observamos que a média das publicações dos estudos selecionados foi no ano de 2019. Dos estudos a frequência relativa e absoluta do ano utilizado na pesquisa foi: em 2016 de 16,67% (n=1), 2018 de 16,67% (n=1), 2019 de 16,67% (n=1), 2020 de 16,67% (n=1) e 2023 de 33,33% (n=2), compreendendo um total de 100% (n=6).

Na tabela 1 verificamos os estudos nomeados, contendo autor/ano, amostra, tipo de estudo e principais resultados apresentados.

Tabela 1 – Síntese dos artigos selecionados

Autor/Ano	Amostra	Tipo de Estudo	Resultados
Corrêa *et al*. 2019	- 194 prontuários de indivíduos transexuais - 81 (41,8%) sexo masculino - 113 (58,2%) sexo feminino	- Coorte transversal e observacional - Dados coletados de prontuários	- 56,7% dos pacientes receberam acompanhamento psiquiátrico prévio - 6,7% apresentaram internação psiquiátrica previa - 73,7% apresentaram pensamentos suicidas - 29,9% tentaram suicídio - 26,8% tentaram automutilação/agressão - 84% apresentaram sofrimento com o corpo
Sousa; Rocha e Barros, 2018	- 869 indivíduos - Não separado por sexo	- Transversal quantitativo - A coletada de dados ocorreu pelas redes sociais	- 266 relataram ter sofrido violência física - 55 relataram violência psicológica familiar/assumir-se - 21 relataram violência sexual familiar/assumir-se - 142 relataram violência verbal familiar/assumir-se - 370 relataram ter sofrido discriminação no trabalho

Silva, *et al*. 2016	- 16 travestis e transexuais	- Transversal e descritivo - Coleta de dados ocorreu em abril de 2014	- 91,96% relataram violência verbal - 58,33%relataram violência psicológica - 33,33% relataram violência física - 09 participantes sofreram violência na rua - 08 participantes sofreram violência na escola - 06 participantes sofreram violência no serviço de saúde
Amorim; Ferreira e Nunes, 2020	- 05 indivíduos - 03 mulheres transexuais - 02 homens transexuais	- Transversal, exploratória, descritiva e qualitativa	- Os 05 participantes relataram dificuldades e/ou barreiras no acesso ao Serviço de Saúde Público - As principais dificuldades foram: ausência de informações sobre os serviços de saúde, vivências de situação de constrangimento, falta de atendimento específico, falta de preparo e conhecimento dos profissionais de saúde, falta de estrutura/projetos e desrespeito
Cruz, *et al*. 2023	- 46 indivíduos - 35 homens transexuais - 11 mulheres transexuais	- Transversal, descritivo e quantitativo	- 37% apresentaram depressão moderada à grave - 34,8% apresentaram ideação suicida - 11 indivíduos relataram possuir transtorno mental/psiquiátrico prévio - 04 apresentaram transtorno depressivo - 04 apresentaram transtorno depressivo + ansiedade
Cruz, *et al*. 2023	- 46 indivíduos transexuais - 11 mulheres transexuais - 35 homens transexuais	- Coorte transversal, descritivo e quantitativo - A coleta de dados ocorreu nas dependências do Hospital Universitário Nordestino	- 21,7% apresentaram depressão leve - 34,8% apresentaram depressão mínima - 28,3% apresentaram depressão moderada - 15,2% apresentaram depressão grave - 07 indivíduos relataram medo de morrer

			- 01 indivíduos relataram sensação de desmaio - 05 indivíduos relataram não conseguir relaxar

Fonte: Dums (2023)

2.3 Discussão

Este estudo teve como objetivo geral analisar o perfil psicossocial de indivíduos transexuais e transgêneros e as repercussões deste perfil em sua vida diária, observamos que a maior parte das amostras apresentaram depressão, crises de ansiedade, ideação suicida, medo de buscar assistência especializada por preconceito e discriminação, violência física, verbal e psicológica.

Kaffer *et al*., (2016) apresentaram como principais dificuldades enfrentadas por transexuais no mercado de trabalho a falta de políticas públicas, o que leva ao preconceito desde a idade escolar, com dificuldade ao acesso de formação técnica/profissional e a ideação de doença (patologização) de sua identidade de gênero (KAFFER *et al*., 2016).

Silva *et al*., (2015) explicam a partir de sua pesquisa que os principais eixos encontrados vinculados ao preconceito contra mulheres transexuais e travestis são: a família que exclui; a escola se apresentando como lócus de disseminação/reprodução do preconceito e exclusão da identidade do gênero, e a rua que abriga e ao mesmo tempo traz a vulnerabilidade, sendo composto pelos eixos família-escola-rua (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015).

A violência física contra mulheres trans e travestis se afigura em um nível superficial ao crime de ódio, entretanto, pode ser classificada também como uma forma de genocídio, sendo que, o Brasil é equiparado a outras 55 nações que mais se registra assassinatos contra este público (JESUS, 2013).

Bohm *et al*., (2009) corrobora com os resultados de Silva, *et al*. (2016), os autores afirmam que as instituições escolares seguem um padrão heteronormativo, inclusive em seu material educacional, o que dificulta o acesso de crianças e adolescentes transgêneros pela falta de acolhimento desta identidade de gênero (BOHM *et al*., 2009).

A falta de acolhimento na escola que era para ser considerado um ambiente de autoconhecimento e aprendizagem gera nas mulheres trans e travestis medo, o que está ligado diretamente a englobar a identidade transgênero a situação de

segregação e desprezo, levando a altos níveis de evasão escolar desde a infância (VIVEK *et al*., 2016).

O conceito heteronormativo de homem e mulher suprime e restringe a variação de gênero, o que é considerado um evento natural e não patológico. Cerqueira-Santos *et al*., (2010) reforça o estudo de Amorim; Ferreira e Nunes, (2020), os profissionais da saúde precisam de atualização e compreensão da diversidade de gênero existente, levando a melhor e facilitar o acesso a saúde de uma massa social (transgêneros e transexuais) que sofrem diariamente discriminação e preconceito (CERQUEIRA-SANTOS *et al*., 2010).

Hirata (2014) expõe que para disponibilizar a assistência integral a pessoas trans e travestis é fundamental compreender as suas necessidades biopsicossociais, e as questões interrelacionadas a este processo (HIRATA, 2014).

A transição de gênero é um processo meticuloso, compreendendo vários fatores, entre eles a utilização da terapia hormonal, mudanças comportamentais e cirúrgicas, expandindo dessa forma a sua própria autoafirmação de gênero, este processo é delicado e pode ser suavizado ou intensificado pela exposição ao preconceito em todas as suas formas (VOGELSANG *et al*., 2016).

Souza *et al*., (2014) esclarecem que pela alta exposição ao preconceito na assistência e serviços de saúde pessoas trans e travestis acabam por buscar outras vias para almejar o corpo ideal, buscando serviços ilegais que realizam práticas clandestinas, acarretando de forma negativa em sua saúde (SOUZA *et al*., 2014).

Malta *et al*., (2019) destacam que o índice de assassinatos de pessoas trans é de 78,8% na América-Latina e Caribe, reafirmando que todas as identidades de gênero que divagam o padrão heteronormativo são “erradas”, ainda, a perspectiva de vida deste público mundialmente é de 35 anos de idade (MALTA *et al*., 2019).

Estudos evidenciam que homens e mulheres transgêneros possuem o dobro de probabilidade de serem agredidas que as cisgêneros, levando uma atenção especial para violência sexual, cerca de 90% a 100% podem sofrerem eventos traumáticos ao longa da vida (SHIPHERD; BERKE; LIVINGSTON, 2019).

Muitas mulheres trans e travestis no início da adolescência acabam por abandonarem seu ambiente familiar, por consequência do preconceito e discriminação que sofrem, o que leva ao aumento da vulnerabilidade social (SILVA *et al*., 2021).

O aumento da vulnerabilidade e violência pode deixar a mulher ou homem trans exposto ao vírus do HIV, isso se deve ao fato que muitas destas pessoas encontram na prostituição uma maneira informal de sustento e sobrevivência (THOMPSON *et al*., 2019).

Jesus *et al*., (2020) evidenciaram que a falta de oportunidades de trabalho formal, qualificação e educação subsidiam o aumento dos índices de trabalho sexual para sobrevivência, o que leva ao aumento da taxa de violência sexual, ideação suicida e discriminação (JESUS *et al*., 2020).

Os principais fatores ligados a exposição ao HIV em mulheres trans está ligado a não utilização do preservativo (pelos clientes), não estabelecer uma confiança regular na utilização do preservativo, agressão e violência sexual forçada, falta de apoio da comunidade, discriminação por parte da equipe de saúde e assédio policial (GANJU; SAGURTI, 2017).

A discriminação sofrida pelos transgêneros segue uma série de domínios críticos, entre eles o emprego e cuidados com a saúde, o que afeta diretamente a sua saúde física e mental, ainda este estigma opera em múltiplos níveis, sendo individual, interpessoal e estrutural, colidindo diretamente na saúde mental (HUGHTO; REISNER; PACHANKIS, 2015).

Poteat *et al*., (2017) explicam que ainda existem poucas intervenções para prevenção do HIV, e as intervenções devem ser criadas em multiníveis entre eles estruturais, biomédicos e comportamentais, incluindo tanto mulheres como homens trans, levando a identificar a prevalência do HIV em ambos os grupos (POTEAT *et al*., 2017).

Mulheres transexuais residentes na América Latina ainda possuem muitas limitações ao acesso a serviços de saúde para prevenção do HIV, representando um grande obstáculo para prevenção primária em saúde, ainda, os programas e intervenções deve consistir nos direitos básicos em saúde, como intervenções personalizadas e holísticas (SILVA-SANTISTEBAN *et al*., 2016).

Diante dos dados reportados evidenciamos a necessidade de medidas socioeducativas, intervenções respaldadas no acesso humanitário a saúde, e ações adequadas a população trans e travesti, englobando programas de fomentem a prevenção e tratamento do HIV, AIDS, DSTs e saúde sexual, e medidas de repressão a violência física, verbal e sexual.

3. Considerações Finais

Observamos que o acesso a saúde, educação e trabalho ainda são campos muito discutidos quando correlacionamos a população transgênero, as medidas devem ser comunitárias, englobando não somente a população trans, mas, pessoas cisgêneros, elucidando suas dúvidas e reprimindo toda e qualquer forma de preconceito.

Evidenciamos que devemos combater o fundamentalismo que leva desordem, promove o caos e a intolerância contra pessoas trans e travestis, defendo assim os pouquíssimos direitos que está massa tem no Brasil, recordando da mesma forma que, os direitos já conquistados são inegociáveis e que a luta histórica do movimento LGBTQIA+ não deve ser combatida e sim respeitada.

Referências

AMORIM, Gustavo Correa de; FERREIRA, Milce Burgos; NUNES, Marilene Rivany. Desafios das pessoas transgêneras no acesso aos serviços de saúde pública. Revista do COMCISA, n. 2, p. 1-12, mai. 2020.

BOHM, Alessandra Maria; SOUZA, Jane Felipe de. Os “monstros” na escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis. 2009. Dissertação do programa de mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, 2009.

CAMILO, Cláudia; GARRIDO, Margarida Vaz. A revisão sistemática de literatura em psicologia: Desafios e orientações. Revista Analise Psicológica, v. 4, p. 535-552. 2019. Doi: https://doi.org/10.14417/ap.1546.

CARDOSO, Vanessa, *et al*. Revisão sistemática de métodos mistos: método de pesquisa para a incorporação de evidências na enfermagem. Texto & Contexto enfermagem, v. 28, p. 1-12. 2019. Doi: https://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0279.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder, *et al*. Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. Revista Interamericana de Psicologia, v. 44, n. 2, p. 235-245. 2010. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420641004. Acesso em: 15 nov. 2023.

CORRÊA, Fábio Henrique Mendonça, *et al*. Pensamento suicida entre a população

transgênero: um estudo epidemiológico. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 69, n. 1, p. 13-22, dez. 2019. Doi: https://doi.org/10.1590/0047-2085000000256.

CRUZ, Pablo Nascimento, *et al*. Ansiedade em transgêneros acompanhados em um ambulatório de sexualidade maranhense. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 27, n. 7, p. 4006-4026, ago. 2023. Doi: https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i7.2023-049.

CRUZ, Pablo Nascimento, *et al*. Depressão em indivíduos transgêneros atendidos em um hospital universitário. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 27, n. 5, p.2612-2629, mai. 2023. Doi: https://doi/org/10.25110/arqsaude.v27i5.2023-030.

DEUTSCH, Madeline B. Making It Count: Improving Estimates of the Size of Transgender and Gender Nonconforming Populations. Jornal LGBT Health, v. 3, n. 3, mai. 2016. Doi: https://doi.org/10.1089/lgbt.2016.0013.

GANJU, Deepika; SAGURTI, Niranjan. Estigma, violência e vulnerabilidade ao HIV entre pessoas trans no trabalho sexual em Maharashtra, Índia. Culto Saúde Sexo, v. 19, n. 8, p. 903-917, jan. 2017. Doi: https://doi.org/10.1080/13691058.2016.1271141.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. Dossiê: Gênero e Sexualidade, v. 8, n. 1, p. 65-82, jan-abr. 2018. Doi: http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28209.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014.

HUGHTO, Jaclyn M White; REISNER, Sari L; PACHANKIS, John E. Estigma e saúde dos transgêneros: uma revisão crítica dos determinantes, mecanismos e intervenções do estigma. Social Science & Medicine, v. 147, p. 222-231, dez. 2015. Doi: https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.11.010.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. História agora, v. 16, p. 101-123, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de, *et al*. Saúde mental e desafios das mulheres trans: um estudo qualitativo no Brasil e na Índia. International Journal of Transgender Health, v. 21, n. 4, p. 418-430, jun. 2020. Doi: https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1761923.

KAFFER, Karen Ketlin, *et al*. A transexualidade e o mercado formal de trabalho: principais dificuldades para a inserção profissional. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, p. 1-13, out. 2016. Disponível em: https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/52. Acesso em: 15 nov. 2023.

LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo, *et al*. Intersexualidade e o tensionamento do critério proibido de discriminação sexo. Revista Direito e Praxis, v. 14, n. 3, p. 2057-2079, jun. 2023. Doi: https://doi.org/10.1590/2179-8966/2023/76190.

MALTA, Mônica, *et al*. HIV/AIDS, direitos humanos e pessoas trans na América Latina. Lanceta Saúde Pública, v. 4, n. 6, jun. 2019. Doi: https://doi.org/10.1016/S2468-2667(19)30082-9.

MENEGHEL, Stela Nazareth; MARGARITES, Ane Freitas. Feminicídios em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: iniquidades de gênero ao morrer, Cadernos de Saúde Pública, v. 33, n. 12, p. 1-11, 2017. Doi: https://doi.org/10.1590/0102-311X00168516.

POTEAT, Tonia, *et al*. Prevenção do HIV entre populações trans: lacunas de conhecimento e evidências para ação. Relatórios atuais sobre HIV/AIDS, v. 14, p. 141-152, jul. 2017. Doi: https://doi/org/10.1007/s11904-017-0360-1.

ROEVER, Leonardo. Compreendendo os estudos de revisão sistemática. Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, v. 15, n. 2, p. 127-130, abr-jun. 2017.

SILVA, Izabel Cristina Brito da, *et al*. A violência de gênero perpetrada contra mulheres trans. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 75, n. 2, p. 1-9, jun. 2021. Doi: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0173.

SILVA, Rodrigo Gonçalves Lima Borges da; BEZERRA, Waldez Cavalcante; QUEIROZ, Sandra Bomfim de. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, n. 3, p. 364-372, set-dez. 2015. Doi: http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p364-372.

SILVA, Glauber Weder dos Santos, *et al*. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 37, n. 2, p. 1-7, jun. 2016. Doi: http://dx.doi.org/10.1590/1983 1447.2016.02.56407.

SIQUEIRA, Gabriel Castro; MARCOLINO, Alice Marrone; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. Mulheres transexuais e travestis negras: vulnerabilidade, preconceito e discriminação. Debates em Sociologia, n. 52, p. 43-57, jun. 2021. Doi: https://doi.org/10.18800/debatesensociologia.202101.003.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. Educar em Revista, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan-fev. 2019. Doi: https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432.

SOUZA, Martha Helena Teixeira de, *et al*. Itinerários terapêuticos de travestis da região central do Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, n. 7, p. 2277-2286. 2014. Doi: https://doi.org/10.1590/1413-81232014197.10852013.

SOUSA, Junior Araujo; ROCHA, Taiane Miyake Alves de Carvalho; BARROS, Claudia Renata dos Santos. Prevalência de Discriminação na Vida, entre Travestis, Transexuais e Transgêneros. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 4, n. 1, p. 44-65, jan. 2018. Doi: https://doi.org/10.9771/cgd.v4i1.24974.

SPIZZIRRI, Giancarlo, *et al*. Proporção de pessoas identificadas como transgêneros e de gênero não binário no Brasil. Relatórios Científicos, v. 11, p. 1-7, jan. 2021. Doi: https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4.

THOMPSON, Laura H, *et al*. Violência e saúde mental entre indivíduos com diversidade de gênero inscritos em um programa do vírus da imunodeficiência humana em Karnataka, sul da Índia. Saúde Transgênero, v. 4, n. 1, p. 316-325, nov. 2019. Doi: https://doi.org/10.1089/trgh.2018.0051.

VIVEK, Divã, *et al*. Inclusão social e igualdade de transgêneros: um caminho fundamental para o desenvolvimento. Journal Of The International AIDS Society, v. 19, n. 3, jun. 2016. Doi: https://doi.org/10.7448/IAS.19.3.20803.

VOGELSANG, Ann-Christin von, *et al*. 'Wouldn't it be easier if you continued to be a guy?' – a qualitative interview study of transsexual persons' experiences of encounters with healthcare professionals. Journal Clinical Nursing, v. 25, n. 23, jun. 2016. Doi: https://doi.org/10.1111/jocn.13271.